

CRÍTICA / FILME / ANINAIS PERIGOSOS

A mandíbula que abocanhou Cannes

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

O mar pode não estar para peixe no oceano dos filmes de super-herói, hoje esnobados até por seu público quadrinófilo outrora fiel, mas, na praia do terror, a pesca de blockbuster anda abundante, a julgar por sucessos recentes como “Pecadores”, “A Hora do Mal” e “Invocação do Mal 4: O Último Ritual”. Como nem só de assombrações do Além vive essa seara horrífica, com espaço histórico para monstros do mundo real, longas-metragens sobre bichos escrotos que saem das correntezas têm sempre passagem – e plateia.

Não é qualquer um, contudo, que tem a chance de desaguar no maior festival de cinema do mundo... o de Cannes... e ainda sair lá da Croisette para se estabelecer como um lucrativo veio de venda de ingressos. Pois “Ani-

mais Perigosos” (“Dangerous Animals”), da Austrália, teve essa sorte. A produção australiana de US\$ 2 milhões inscreveu-se na Quinzena de Cineastas de Cannes e acabou por ser lançado lá. Ao se despedir do balneário francês, correu circuitos, faturando quase quatro vezes o quanto custou. A carismática besta em forma de gente encarnado por Jai Courtney (dublado aqui por Nestor Chiesse) é parte do segredo de seu êxito.

Citados numerosas vezes no thriller pernambucano “O Agente Secreto”, por meio de evocações a “Tubarão” (1975), de Steven Spielberg, esse survival horror, nas raías do filme B, espanta por sua criatividade. Não é sempre que se vê um Norman Bates (feroz) como Tucker, personagem de Courtney. Quando o ator entra em cena, não se teme mais as feras de guelras e de barbatana, mas, sim, suas maquinações de serial killer. A mais selvagem de suas traquinagens é torturar as suas vítimas a oferecê-las como petisco para as presas dos peixes carnívoros que Hollywood.

Egresso da Tasmânia, o diretor Sean



Tucker (Jai Courtney) usa suas vítimas para alimentar tubarões

Byrne comanda o set com vigor, ao aplicar nas cartilhas dos shark movies reviravoltas inexatas, mas exigidas pelos fãs, com direito a sequências em que os tubarões desafiavam as leis da gravidade. O diferencial artístico aqui reside na luz estruturada pela diretora de fo-

tografia Shelley Farthing-Dawe, a partir do colorido natural à sua volta. As suas imagens noturnas são o ápice do esmero plástico do seu trabalho, por ampliar a sensação de isolamento do barco onde a maior parte do enredo se desenrola.

CRÍTICA / FILME / O RETORNO

Fabio Zayed e Maila Iacovelli/Divulgação

O ‘Game of Thrones’ dos mitos

Corações RPGistas hão de acelerar com “O Retorno” (“The Return”), diante da expectativa por batalhas mais grandiosas do que as esboçadas nas partidas de “Dungeons & Dragons” (o mais famoso jogo de personificação). Esses mesmos miocórdios tendem a se frustrar se esperarem mais adrenalina do que conflito existencialista dessa produção derivada das narrativas gregas milenares, via escritos de Homero. O timbre de aventura (e de ação) que costuma existir em abundância nos épicos é servido em doses homeopáticas na dramaturgia filmada por Uberto Pasolini



Ulisses (Ralph Fiennes, ao centro) não escapa da sina da guerra

Dall’Onda, sobrinho de Luchino Visconti. Seu maior tesouro é Ralph Fiennes, gigante em cena.

Com o astro em devir aríete, o realizador opta por um estudo (dos mais profundos) de personagem. Um personagem quase sempre

limitado ao arquétipo de senhor da guerra: Odisseu, dublado com brilhantismo por Márcio Simões. Fiennes encontra nele camadas que o cinema (e talvez nem a literatura ensaística das universidades) jamais viu. Vemos uma imersão em angústias e vulnerabilidades que verso algum antes valorizou, visto que o cineasta não se encanta pelos feitos heroicos do protagonista, mas, sim, por suas cicatrizes.

A trama começa depois de Odisseu ter ficado distante de seu lar durante 20 anos. Ele volta para Ítaca abatido e irreconhecível. Encontra o reino em desordem plena. Sua esposa Penélope (Juliette Binoche) está cercada por pretendentes gananciosos, que ambicionam tomar o poder. Seu filho Telêmaco enfrenta igualmente ameaças de morte de quem também busca assumir o comando. É hora do troco, mas, nesse momento, os deuses parecem estar alheios à sina da Humanidade. É esse fado, o abandono, que Uberto Pasolini debate, e bem. (R.F.)